

Atravessamentos da Cultura Digital nas práticas educativas: narrativas de professores entre-tecidas em grupos colaborativos¹²

Marcos Otávio Cassiano Dos Santos Lima³

Vinícius Gabryel Piovesan Evaristo⁴

Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas

RESUMO

Esta pesquisa investiga como professores(as) da rede pública paulista percebem e atribuem sentido às transformações digitais no cotidiano escolar. Por meio de uma abordagem narrativa, analisam-se discussões em grupos colaborativos, evidenciando potencialidades e tensões nas práticas docentes, incluindo carências de infraestrutura, formação e desigualdades sociais. Os resultados apontam que a integração tecnológica transcende questões técnicas, influenciando subjetividades, a organização escolar e o papel docente. Ainda que persistam desafios, o estudo destaca possibilidades emancipatórias quando a cultura digital é abordada de forma crítica e ética, em diálogo com demandas educacionais contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura digital; Práticas educativas; Narrativas docentes; Tecnologias Digitais; Educação

A crescente adoção e constante presença de novos dispositivos tecnológicos pela sociedade tem modificado diversos aspectos da vida cotidiana: as relações sociais, as formas de trabalho, as dinâmicas de lazer e entretenimento, as práticas de consumo de informação, entre outras esferas humanas. Tais dinâmicas se conectam com a perspectiva vigotskiana (1999), na qual os instrumentos culturais – como as tecnologias – mediam os processos de pensamento, aprendizagem e constituição subjetiva. Nesse cenário, também a realidade escolar e as práticas educativas são afetadas por essa ambientação hiperconectada, na qual estudantes e profissionais da educação trazem para o cotidiano escolar vivências repletas de interações em plataformas de comunicação e informação, redes sociais e aplicativos de diversas finalidades, mediados pelas tecnologias digitais.

¹ Resumo expandido de trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Educação (GT07SE), evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil e também é decorrente de pesquisa de mestrado realizada com apoio de bolsa institucional do Núcleo de Atenção Solidária da PUC Campinas

³ Mestrando em Educação na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Membro-pesquisador do grupo de pesquisas “Histórias de Vida, Narrativas e Subjetividades” - HiNaS. Licenciado em Letras-Inglês pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Professor de Língua inglesa para os anos finais do ensino fundamental e médio na rede privada. E-mail: marcos.otavio.lima@gmail.com

⁴ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas. Membro-pesquisador do grupo de pesquisas “Histórias de Vida, Narrativas e Subjetividades” - HiNaS. Bacharel em Filosofia pela PUC-Campinas (2019). Professor na rede de ensino público estadual de São Paulo. E-mail: piovesan.vgpe@gmail.com

Essa ambientação compõe o que Baratto e Crespo (2013) definem como cultura digital — um ecossistema comunicativo no qual sujeitos não apenas consomem, mas produzem e compartilham conteúdos, construindo novas formas de sociabilidade.

Ao mesmo tempo em que esses dispositivos expandem as possibilidades de ensino e aprendizagem, desafiam educadores(as) a repensar suas abordagens pedagógicas e o fazer docente, em diálogo com as novas linguagens digitais, considerando tanto a circulação do conhecimento em rede quanto as questões de inclusão e desigualdades no acesso à tecnologia.

É nesse ponto que a crítica de Freitas (2011) se faz necessária, ao evidenciar os riscos de uma abordagem tecnicista da educação que responsabiliza individualmente professores(as), ignorando as condições estruturais de trabalho. Por outro lado, Pretto e Pinto (2006) propõem uma visão de “novas educações” que compreendem a tecnologia não como fim, mas como meio de reinvenção das práticas educativas e da mediação docente no mundo digitalizado.

Para tanto, nossa pesquisa busca identificar como os(as) professores(as) percebem e atribuem sentido às transformações digitais que atravessam o “chão da escola”, refletindo sobre as potencialidades e tensões que emergem nas práticas educativas do trabalho docente. Essa perspectiva também envolve a preocupação com a educação midiática, pois as mídias e as tecnologias digitais de informação e comunicação exercem papel significativo na forma como estudantes participam do processo educativo e nas diferentes oportunidades de exercício cívico, crítico e criativo que emergem com/nas/das mídias.

Para tanto, seguimos uma abordagem metodológica narrativa, entre-tecendo experiências e relatos de professores(as) da rede pública estadual paulista, participantes de grupos colaborativos compostos para discutir as temáticas interseccionadas entre cultura digital e educação.

Justificamos a escolha pela abordagem narrativa por valorizar as vozes e experiência dos(as) professores(as), entendendo-as como fonte essencial para compreender os processos que atravessam a escola na presença das novas tecnologias digitais de comunicação e da cultura digital consequente. A pesquisa narrativa reconhece as experiências e dizeres docentes como elementos legítimos de análise dos fenômenos educacionais (Connelly; Clandinin, 2011). Tal enfoque permite evidenciar como as

práticas comunicacionais e midiáticas se imbricam às práticas pedagógicas, contribuindo para a formação de um quadro mais amplo sobre a interação entre escola, tecnologias digitais e necessidades formativas do corpo docente.

A escolha pelos **grupos colaborativos**, fundamentada em Ibiapina (2016), buscou ativar um espaço formativo e horizontal, no qual os sujeitos pesquisados também se constituem como sujeitos da pesquisa, favorecendo a partilha, a escuta e a autoria coletiva. Esses grupos foram espaços de discussões abertas sobre as práticas relacionadas à cultura digital e suas manifestações no ambiente escolar da referida rede. Participaram da pesquisa **18 professores(as)**, oriundos de diferentes cidades do estado de São Paulo, que atuam em escolas públicas nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Os encontros foram realizados **de forma remota**, por meio de plataformas digitais, entre os meses de setembro e dezembro de 2024, totalizando **seis sessões quinzenais**, com duração média de 1h30min. Os encontros foram **gravados, transcritos e complementados com anotações em diário de campo**, o que possibilitou a análise cuidadosa dos relatos compartilhados.

Os debates nesses grupos contemplaram reflexões críticas acerca das formas de ensino mediados ou atravessados por dispositivos digitais, ampliando o olhar para as relações, conflitos e possibilidades que surgem no dia a dia da escola. Além de abordarem aspectos cotidianos, estruturais e técnicos, contemplaram também a relevância de políticas públicas e formações continuadas que ofereçam suporte à adoção consciente e crítica das tecnologias.

As compreensões dessas narrativas apresentadas nos grupos foram pautadas no paradigma indiciário (Ginzburg, 1989), permitindo mapear indícios e sinais dos modos como professores(as) vivenciam e configuram a cultura digital junto a seus estudantes. Nesse sentido, seguimos Aguiar e Ferreira (2021), para quem a abordagem narrativa, aliada ao paradigma indiciário, permite reconstruir a experiência docente como campo de formação e investigação.

Num contexto em que a adoção das tecnologias é frequentemente pautada por discursos prescritivos ou meramente técnicos, a exploração das narrativas docentes evidencia como os(as) professores(as) vivenciam cotidianamente as tensões, desafios e possibilidades que a cultura digital traz ao fazer pedagógico, sobretudo considerando as realidades particulares dos(as) estudantes com esses recursos possibilitados pela

tecnologia. Também se destaca, aqui, o papel das desigualdades de acesso: ainda que estudantes estejam frequentemente habituados ao uso de múltiplas telas e aplicativos, há disparidades marcantes em relação à qualidade da conexão, à disponibilidade de equipamentos e, não raro, à infraestrutura escolar. Tal cenário reforça a importância de políticas públicas que garantam maior inclusão e equidade, para que todos possam usufruir dos benefícios da cultura digital.

Nesse processo, as narrativas produzidas indicam que dispositivos, ideias e recursos digitais compõem o repertório cultural dos(as) educadores(as), influenciando diretamente a forma como pensam e atuam nas salas de aula. Muitos conteúdos e produções escolares estão hoje ligados à internet, aos dispositivos móveis e às plataformas de compartilhamento e educação, de modo que o próprio planejamento e atuação docente se vê atravessado por essas tecnologias. Nesse processo, surgem adaptações e práticas de ensino que buscam contemplar a realidade da presença tecnológica e sua consequente cultura nos cotidianos sociais e dos(as) estudantes, ainda que, por vezes, faltem subsídios, infraestrutura ou formações específicas para explorar tais ferramentas de forma plena, intencional e crítica. Assim, a necessidade de educação para as mídias e tecnologias digitais emerge com força, pois ultrapassa o simples domínio técnico, integrando dimensões éticas, políticas e comunicativas na construção de saberes.

Quando os(as) educadores(as), em suas narrativas, abordam explicitamente o tema da cultura digital, demonstram consciência de que aplicativos e artefatos tecnológicos são parte indissociável da experiência social vivenciada pelos(as) alunos(as). Por outro lado, evidenciam preocupações e críticas a respeito das transformações percebidas. Há receios quanto ao ritmo acelerado das mudanças tecnológicas e a falta de planejamento devido para inserção dessas na rotina educativa, e uma cautela sobre o papel que esses atravessamentos podem assumir no cotidiano escolar. Embora reconheçam o potencial desses meios para tornar as aulas mais dinâmicas, colaborativas e alinhadas ao universo hodierno, apontam para a necessidade de uma infraestrutura adequada e de formações continuadas capazes de prepará-los(as) para lidar, de modo crítico, com tais recursos. Esses relatos também revelam a importância de políticas públicas que estabeleçam parâmetros para o uso e a inserção das tecnologias em contextos escolares, no intuito de garantir a qualidade e equidade de acesso para todos os(as) estudantes.

Os (As) participantes do estudo salientam que a mediação docente se modifica frente aos níveis de fluência tecnológica dos(as) estudantes. Por alguns estarem habituados a interagir em múltiplas telas e fluxos comunicacionais, os(as) estudantes desenvolvem modos de aprender permeados por tutoriais, redes sociais, trocas em tempo real e até ferramentas de inteligência artificial. Esse cenário traz tensões para o(a) professor(a), que precisa se posicionar entre as demandas formais do currículo e as dinâmicas informais de produção de conhecimento digital. Além disso, a precariedade estrutural dos espaços escolares e as desigualdades de acesso e inclusão às tecnologias em diferentes realidades escolares da rede pública paulista aprofundam disparidades, evidenciando a dificuldade de garantir oportunidades educacionais equitativas para todos e o quanto se faz necessário o debate sobre direitos sociais e digitais de crianças e adolescentes.

Ainda assim, os(as) docentes relatam estratégias de resistência e apropriação crítica das tecnologias, buscando métodos criativos para integrar os recursos digitais ao cotidiano das aulas. Eles(as) desenvolvem projetos colaborativos, utilizam ferramentas interativas e propõem debates sobre o uso responsável e ético das novas mídias, ressaltando que, apesar dos desafios, a cultura digital pode ser trabalhada de forma emancipatória e promotora de cidadania. Desse modo, essas experiências narradas identificam como os(as) professores(as) percebem e atribuem sentido às transformações digitais que permeiam e atravessam o dia a dia escolar, as potencialidades e tensões que emergem dessa relação nas suas práticas educativas. As narrativas analisadas evidenciam que a digitalização na educação não constitui apenas um processo técnico, mas sim uma dimensão que influencia diretamente a subjetividade de adolescentes e jovens, a organização escolar e o próprio papel do(a) professor(a). Ao escutar atentamente os relatos dos(as) educadores(as), esta pesquisa pôde identificar não apenas as tensões, mas também as significativas possibilidades de transformação pedagógica que emergem do diálogo estabelecido entre a cultura digital, o universo tecnológico e as práticas escolares.

Com base nos aportes de Connelly e Clandinin (2011), Ginzburg (1989) e Aguiar e Ferreira (2021), compreendemos que as narrativas produzidas nos grupos colaborativos funcionam como lugares de construção de sentidos e reinterpretação da experiência docente. A mediação dos dispositivos digitais, como propõe Vigotski (1999), reorganiza modos de pensar e agir, afetando diretamente os processos de ensino e aprendizagem. Por

isso, é fundamental que as políticas públicas e as formações continuadas estejam atentas à complexidade dessas relações, reconhecendo o papel formativo da cultura digital e o protagonismo dos(as) professores(as) na construção de práticas educativas mais críticas, inclusivas e comunicativas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Thiago Borges de; FERREIRA, Luciana Haddad. Paradigma Indiciário: abordagem narrativa de investigação no contexto da formação docente. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.74451>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/7BSc9kcffrnDdDDzqQ9RT9v/?lang=pt>. Acesso em:

BARATTO, S. S.; CRESPO, L. F. Cultura digital ou cibercultura: definições e elementos constituintes da cultura digital, a relação com aspectos históricos e educacionais. **Rev. Científica Eletrônica UNISEB**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 16-25, ago./dez. 2013.

CONNELLY, F. Michael; CLANDININ, D. Jean. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Responsabilização, meritocracia e privatização: conseguiremos escapar ao neotecnicismo?** In: Seminário de Educação Brasileira, Centro de Estudos Educação e Sociedade, Campinas, fev. 2011.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo; BANDEIRA, Hilda Maria Martins; ARAUJO, Francisco Antonio Machado (Org.). **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes**. 1. ed. Teresina: EDUFPI, 2016.

PRETTO, N.; PINTO, C. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, jan./abr. 2006.

VIGOTSKI, L. **Sobre os sistemas psicológicos**. In: VIGOTSKI, L. S. Teoria e Método em Psicologia. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 103-136.